

Educação de jovens na idade média: filosofia patrística e atuação do educador conforme as obras de São Basílio, São Crisóstomo e Santo Agostinho

Youth education in the middle ages: patristic philosophy and the role of the educator based on the works of St. Basil, St. Chrysostom and St. Augustine

Educación de los jóvenes en la edad media: Filosofía patrística y el papel del educador a partir de las obras de San Basilio, San Crisóstomo y San Agustín

Fábio Souza Correa Lima^I

Cristina da Silva Araújo^{II}

RESUMO

O presente artigo é uma investigação exploratória da educação destinada aos jovens cristãos europeus no período assinalado como final da Antiguidade, mas que tem reverberações fortemente identificadas com a primeira parte do medievo, conjunto nomeado mais recentemente como Antiguidade Tardia. O estudo enfoca a educação com base em fundamentos históricos e filosóficos presentes em documentos de três dos chamados Pais da Igreja, a saber: São Basílio, São Crisóstomo e Santo Agostinho. Neste estudo de história da educação sobre a patrística, buscamos também entender quem é o professor desse período e qual a sua influência na formação dos jovens e na construção da mentalidade que caracterizou a Antiguidade Tardia e a Idade Média até, pelo menos, o século XII.

Palavras-chave: Patrística. Formação de Jovens. Antiguidade Tardia. Idade Média. História e Filosofia da Educação.

ABSTRACT

This article is an exploratory investigation into the education of young European Christians in the period marked as the end of Antiquity, but which has reverberations strongly identified with the first part of the Middle Ages, a period recently named Late Antiquity. The study focuses on education based on the historical and philosophical foundations found in the documents of three of the so-called Fathers of the Church, namely: St. Basil, St. Chrysostom and St. Augustine. In this study of the history of patristic education, we also seek to understand who the teacher of this period was and what influence he had on the formation of young people and the construction of the mentality that characterized Late Antiquity and the Middle Ages until at least the 12th century.

Keywords: Patristics. Formation of Young People. Late Antiquity. Middle Ages. History and Philosophy of Education.

^IUniversidade Federal do Amazonas, Manaus, AM, Brasil. E-mail: fabiosouzaclima@ufam.edu.br  <https://orcid.org/0000-0002-1855-1738>

^{II}Universidade Federal do Amazonas, Manaus, AM, Brasil. E-mail: tinadearaujoo@gmail.com  <https://orcid.org/0000-0003-4174-9029>

RESUMEN

Este artículo es una investigación exploratoria sobre la educación dirigida a los jóvenes cristianos europeos en el período marcado como el fin de la Antigüedad, pero que tiene repercusiones fuertemente identificadas con la primera parte de la Edad Media, grupo más recientemente denominado como Antigüedad Tardía. El estudio se centra en la educación basada en fundamentos históricos y filosóficos presentes en documentos de tres de los llamados Padres de la Iglesia, a saber: San Basilio, San Crisóstomo y San Agustín. En este estudio de la historia de la educación en patristica, buscamos también comprender quién fue el maestro de este período y cuál fue su influencia en la formación de los jóvenes y en la construcción de la mentalidad que caracterizó la Antigüedad Tardía y la Edad Media hasta, al menos, el siglo XII.

Palabras-clave: Patristica. Formación de Jóvenes. Antigüedad tardía. Edad Media. Historia y Filosofía de la Educación.

INTRODUÇÃO

O cristianismo se tornou religião oficial do Império Romano no último quartel do século IV da era comum, período ainda identificado pela historiografia como Antiguidade ou Idade Antiga. Os quase quatro séculos que antecederam aquele momento foram marcados por uma lenta aproximação e assimilação da cultura greco-romana pelos evangelizadores. O claro propósito dos cristãos era o de divulgação da fé para a maior quantidade de pessoas possível, o que de fato ocorreu. Sendo o grego a língua mais praticada em toda a região do Mediterrâneo e tendo os cristãos assumido a responsabilidade de levar a Boa Nova ao restante do mundo, eles compuseram o seu livro sagrado com textos naquele idioma, mas, posteriormente, afastaram-se do pensamento clássico com a intenção de formar uma nova mentalidade para as pessoas que seguiam sua religião (Le Goff, 2004; 2011).

Apesar de haver grande parte de convertidos dentro do Império, ainda no início do século IV d.C., o cristianismo continuava uma religião marginal. Atuando às escondidas, com cultos realizados muitas vezes em cavernas e catacumbas, em poucos séculos, os convertidos já haviam se tornado milhares em Roma. O crescimento foi tão grande que, em 313 d.C., o próprio Imperador Constantino teria se convertido ao cristianismo depois de sonhar com uma cruz na qual estava escrito “Com este sinal vencerás” (Veyne, 2009, p. 9).

Depois de séculos de perseguição, o imperador da parte ocidental, Constantino (306–337 d.C.), e o imperador da parte oriental, Licínio (308–324 d.C.), a partir de um encontro na península itálica em 313 d.C.,¹ publicaram o Édito de Milão, autorizando todas as pessoas livres dentro do Império a professar suas religiões, inclusive o cristianismo (Le Goff, 2011; Guarinello, 2022). A partir de então, o Império passou a aceitar oficialmente servidores públicos cristãos, entre eles os professores. A influência do ensino desses profissionais potencializou o crescimento da fé cristã com uma nova geração de jovens romanos nas escolas públicas, que entre as aulas de retórica e oratória aprendiam também sobre a história do messias de origem judaica.

Gradativamente, o *civis* (cidadão), como um modelo de ser social romano, cedia lugar às novas propostas oriundas do cristianismo, que estava se estabelecendo como instituição dentro do Império. Por conta disso, a questão que emergia nos anos de aproximação da fé com o poder político era: “Qual cristianismo deveria ser levado a crer?” Embora não seja a proposta deste artigo

1 Há divergências com relação ao mês de publicação que sugerem que o encontro na cidade de Milão poderia ter acontecido em fevereiro ou julho. Essas divergências não interferem na construção do conteúdo desta pesquisa.

tratar da grande — e interessantíssima — variedade de interpretações sobre a vida e obra de Jesus Cristo nessa época, acreditamos ser importante para avançarmos na apresentação, o seguinte pressuposto: os autores aqui reunidos e estudados se constituem por uma aproximação quanto às suas exegeses realizadas sobre os textos bíblicos. Sendo assim, optamos por não nos determos na análise de doutrinas como o arianismo, que, sendo consideradas heresias, se afastam da proposta dos Pais da Igreja e do objeto deste trabalho. Quanto à filosofia e à educação presentes nos autores selecionados para este estudo, o ponto central em que o pensamento deles se encontra está na busca por uma vida ascética, de aquisições de virtudes, com claras divisões morais entre o bem e o mal, sempre com vistas a uma recompensa eterna obtida com a salvação da alma.

Dessa forma, vale ressaltar que, ao menos² desde a obra de Clemente de Alexandria (150–215–7 d.C.) no século II, o sentido para a palavra “pedagogo” se estende para além do homem (Migne, 1987; Jaeger, 1991). Se, para os helenos, o παιδαγωγός (pedagogo) designava o escravo responsável por guiar as crianças até o tutor responsável, entre os cristãos ele teve o *status* elevado, sendo-lhe conferido até um caráter divino. A relação do pedagogo com seus alunos foi comparada por Clemente com a relação de Deus³ para com os seus filhos: “Εοικε δὲ ὁ Παιδαγωγός ἡμῶν, ὡ παῖδες ὑμεῖς, τῷ πατρὶ αὐτοῦ τῷ Θεῷ.”⁴ Assim sendo, Deus, a partir dessa exegese, começa a figurar como pedagogo do mundo inteiro, representando uma vontade poderosa dos cristãos em romper com o mundo pagão, conforme também escrevem Henri-Irénée Marrou (1971), Werner Jaeger (1991) e Ruy Nunes (2018b).

A Igreja iniciou uma fase de maior influência no âmbito do estado romano, resultando na formulação de leis que enredavam cada vez mais a fé ao Império. Em fevereiro de 380 foi publicado pelo imperador Teodósio I o Édito de Tessalônica, ordenando todos os súditos a professarem desde aquela data a fé católica.⁵ Mais do que isso, a nova legislação condenou outras seitas e religiões tidas como pagãs, apontando-as como heresias. Nos anos seguintes, novos éditos foram publicados, realizando um processo de descriminalização política dos considerados pagãos, proibindo também os seus cultos e proselitismos, confiscando seus objetos religiosos e templos (Guerras, 1992).

Nos anos seguintes, embora ainda prevalecesse a ideia de que, para assuntos políticos, o imperador mantinha seu poder, na prática, o estabelecimento de um estado religioso submeteu o Império Romano à Igreja Católica. O célebre evento que ilustra tal fato foi o assassinato de milhares de inocentes não cristãos na cidade de Tessalônica por ordem do imperador Teodósio I. O caso reverberou socialmente como um massacre promovido por cristãos. Em resposta, o bispo de Milão, Aurélio Ambrósio, mais tarde canonizado, proibiu a entrada do imperador no templo cristão da cidade até que ele se penitenciasse pelas mortes. Teodósio I, nas festas de natal de 388, precisou entrar no templo sem as insígnias de imperador e implorar publicamente com gemidos e lágrimas pela sua absolvição (Nunes, 2018a). Em 391, ainda sob influência do Bispo de Milão, os cultos pagãos foram proibidos em Roma por Teodósio I. No ano seguinte, o Édito de Constantinopla, conhecido como Roma Cristã, proibiu por completo os cultos pagãos em todo o Império Romano.

Apesar da hegemonia religiosa e da concentração de poder pela Igreja, faltavam elementos que garantissem o poder espiritual sobre a população. O cristianismo havia se tornado a religião oficial do Império Romano, mas a mentalidade das pessoas que viviam naquela região havia sido forjada lentamente por muitos séculos antes. Além disso, como já apontamos, a própria Igreja sofria

2 Werner Jaeger (1991) explica que, desde a obra *Leis*, de Platão, o entendimento com relação ao pedagogo era o de que ele já havia deixado a condição de escravo e passado à distinta condição de condutor da alma humana. Jaeger (1991) parece considerar a educação neoplatônica como forte influência na obra de Clemente de Alexandria. Há que considerar, no entanto, que Clemente viveu a maior parte de sua vida no século II, sendo o neoplatonismo uma corrente de pensamento iniciada no século III. De toda forma, Henri-Irénée Marrou (1971) também destaca a forte qualidade do ensino recebido por Clemente e focado nas artes liberais e na filosofia, desde Atenas, onde teria nascido.

3 Deus-filho. Jesus Cristo como pedagogo do mundo.

4 “Nosso pedagogo, meninos, é semelhante ao seu Deus-Pai, do qual é precisamente filho” (Migne, 1857, p. 252, tradução nossa).

5 O termo “católico” tem origem no grego *Καθολικός*, com o significado relacionado à ideia de fé universal.

com disputas entre diferentes vertentes de interpretação no período chamado de Cristianismo Primitivo ou Igreja Primitiva.⁶ Era, portanto, necessário ao mesmo tempo estabelecer as bases de um cristianismo unificado dentro do império e pensar sobre como formar a mentalidade dos jovens para uma nova era fundamentada na fé cristã.⁷

Este breve conjunto de informações começa a descortinar as transformações na mentalidade dos jovens do final da Antiguidade e da alta Idade Média. Além disso, revela que o ano de 476 d.C. é apenas uma data convencional para marcar o fim da Antiguidade, mas os processos humanos transpõem essas datações. Nesse sentido, Jacques Le Goff (2011) escreve que, para o período entre os séculos IV e VIII, a expressão Antiguidade Tardia seria a melhor forma de entender esse processo de transição. Por sua vez, Norberto Guarinello (2022, p. 162) menciona que, como efeito da adoção desse termo, temos como resultado “uma ampliação das balizas cronológicas tradicionais para o ‘mundo antigo’, que hoje se estendem até, pelo menos, o século VII”.

Com isso, nesta investigação de caráter exploratório que aborda a atuação do professor/mestre/padre e a mudança de mentalidade na sociedade cristã que se construía, enfocamos a formação dos jovens apoiados em fundamentos religiosos e filosóficos presentes em documentos de três dos chamados Pais da Igreja, a saber: São Basílio, São Crisóstomo e Santo Agostinho. Para o estudo desses autores representantes da patrística, utilizamos como documentos alguns volumes da Patrologia Grega e da Patrologia Latina, publicada por Jacques-Paul Migne (1857), na editora Imprimerie Catholique. Utilizamos também a organização e o estabelecimento de texto realizado pelo Convento Agostiniano da Basílica de São Nicolau de Tolentino (Itália) (Sant’Agostinho, 2010a; 2010b; 2010c). Traduções mais recentes das obras de São Basílio Magno, Bispo de Cesareia, como as realizadas por Francisco Antonio Garcia Romero para o espanhol (2011) e Hildegardis Pasch e Helena Nagem Assad (1983) para o português, também estão presentes na pesquisa. O mesmo para as obras de João Crisóstomo (Chrysostom, 1978), Arcebispo de Constantinopla, com tradução de Simone Guffanti (2021) e Felipe Guarnieri (2016), e para as obras de Santo Agostinho (2000; 2006), com tradução de Oscar Leme (2006), J. Oliveira Santos e A. Ambrósio de Pina (2000) e Antonio Minghetti (2015).

Em tempo, no sentido de embasar estas análises no campo de história da educação, trabalhamos à luz de autores contemporâneos já citados, como Henri-Irénée Marrou (1971), Werner Jaeger (1991; 2013), Franco Cambi (1999), Jaques Le Goff (2004; 2011) e Ruy Nunes (2018a; 2018b). Destarte, na sequência destes parágrafos introdutórios em que estabelecemos os parâmetros do nosso estudo, dividimos a abordagem em mais dois momentos, a saber: Pais da Igreja: educação e formação cristã; Santo Agostinho, o único Mestre e a Iluminação Divina; além, claro, das considerações finais.

PAIS DA IGREJA: EDUCAÇÃO E FORMAÇÃO CRISTÃ

Em continuidade ao que colocamos no ponto anterior acerca do estabelecimento do cristianismo, ressaltamos que foi também no século IV, no Concílio de Hipona, no ano de 393, que foram definidas quais seriam as suas escrituras canônicas. Estando o Antigo e o Novo Testamento constituídos como fundamentos da vida cristã, a forma de ser, estar e pensar do novo homem começou a ser disseminada em forma de cultura e valores morais por toda região de influência romana (Febvre, 2004; Bloch, 2016).

Entre os principais materiais de divulgação da fé cristã estavam os sermões. De maneira geral, essa forma de comunicação realizada pela Igreja tinha como público o povo, na maior parte

6 Essas duas expressões são consideradas aqui como sinônimos para efeito de entendimento da construção da mentalidade cristã no século IV. No entanto, o uso dessas expressões normalmente faz referência a um período iniciado no século I, estendendo-se ao século IV a.C.

7 Decorrentes desses pontos, devemos também mencionar que para esta investigação estabelecemos que, com relação à divisão do Império realizada por Teodósio em 395, na qual seu filho Honório herda a parte ocidental e o seu outro filho, Arcádio, herda a parte oriental, mantivemos nossos estudos no ocidente.

das vezes analfabeto, sendo a memória um dos principais elementos a serem estimulados por meio de fórmulas-resumo rimadas ou ritmadas (Lauand, 2013). Na força desse modelo estava o Sermão da Montanha, considerado especial porque relata o momento em que Jesus teria passado aos seus seguidores as orientações mais profundas para a vida cristã: a oração do Pai-Nosso, as bem-aventuranças, o sal da terra e a luz do mundo, os “tesouros” a serem acumulados no céu, o oferecimento da outra face e o amor aos inimigos. O Sermão da Montanha chegou a ser chamado por Santo Agostinho (354–430 d.C.) (Agostinho, 2017, p. 20), Bispo de Hipona, de “um programa perfeito de vida cristã destinado à direção dos costumes.”

Embora, desde o início da evangelização, houvesse correntes que apoiavam a assimilação do pensamento grego e outras correntes que pregavam o distanciamento dele, no período em que o cristianismo ainda era perseguido, houve aproximação com a cultura helênica visando à aceitação e à divulgação do cristianismo por meio da língua universal da época, o grego Koiné — Κοινή Ἑλληνική. No entanto, na medida em que as perseguições diminuía e a fé cristã alcançava o *status* de religião oficial do Império Romano, a relação com o uso do grego como referência linguística e o modelo cultural de ser humano baseado no cidadão romano (Civis) passou a ser mais fortemente contestado (Lauand, 2013; Guarinello, 2022).

No século seguinte, o cristianismo promoveu uma geração de líderes que buscou mediar a influência da cultura grega, com base na justificativa de que o modo de vida dos helenos era incompatível com os valores que deveriam se ocupar de salvar a alma dos homens dentro da Ordem Divina. Advieram dessa orientação as propostas dos chamados Pais da Igreja, resumidas para esta investigação em: consolidação do cristianismo por meio de suas doutrinas e formação de uma nova mentalidade com bases sólidas na *Bíblia* (1993). A influência helênica não seria completamente abandonada, mas, doravante, por meio de uma educação baseada principalmente nos sermões, seria mediada pelos novos professores, os padres.

O Império Romano, dividido administrativamente desde 284 d.C. entre o ocidente com capital em Roma e o oriente com capital em Constantinopla, produziu pensadores cristãos que influenciaram todo o seu território. A oriente, entre aqueles que eram chamados de Padres Gregos por escreverem na língua dos helenos, dois nomes se destacam para os propósitos deste estudo: Basílio Magno (usado para designar O Grande), que viveu entre 330 e 379 d.C., sendo ordenado Arcebispo de Cesareia em 370; e João Boca de Ouro (cujo significado é Crisóstomo), que viveu entre 340 e 407 d.C., sendo ordenado Arcebispo de Constantinopla no ano de 398 (Mcsorley, 1907; Baur, 1910).

São Basílio Magno, Bispo de Cesareia, na Capadócia, atual Turquia, teve forte influência na construção do cristianismo, combatendo doutrinas que considerava heréticas. Magno apresenta em sua obra uma notável dedicação ao controle da leitura, interpretação e citação de autores helenos, tanto quanto, em sua obra, também realiza discussões sobre a parcimônia e a vida monástica. Dessa maneira, preocupado em formar cristãos em consonância com uma doutrina que favorecia a vida monástica em contraposição a um estilo de vida hedonista e mundano que ainda caracterizava os romanos, ao escrever *A los jóvenes: cómo sacar provecho de la literatura griega*, Basílio de Cesarea (2011) aconselhou aos educandos logo no primeiro ponto de sua obra:

Então é isso que eu venho aconselhar-lhes: que não deveis simplesmente seguir a esses homens para onde quer que eles os guiem, confiando a eles o leme do seu discernimento, mas aceitando deles o que é útil, sabendo o que é preciso descartar. Pois bem, o que escolher e quais critérios usar é precisamente o que vou explicar a partir daqui (Basílio de Cesarea, 2011, p. 16, tradução nossa).

Basílio argumenta que o pensamento helênico pode funcionar para o leitor/espectador como uma distração ou como uma espécie de ficção/ entretenimento em que não vale a pena se deixar

envolver, posto que, do outro lado, estariam os benefícios da vida eterna garantidos por meio da submissão à fé. É possível, por assim dizer, que a leitura de filósofos e de poetas greco-romanos deva ser realizada apenas após uma seleção das obras consideradas boas e uma censura das obras e histórias consideradas perniciosas à educação cristã e à salvação da alma humana. Evidentemente, essa censura e escolha do que deveria ser lido era realizada pelo responsável por disseminar esse conhecimento, seja para a população em geral, nas homilias aos domingos, seja nos mosteiros, para os novos padres (Basílio de Cesarea, 2011; Le Goff, 2011).

Destaca-se também que o Bispo afirma em seu discurso que aquele que se virar contra os ensinamentos da Igreja e optar por seguir os caminhos do pensamento helênico colocará em risco a sua alma, as dos seus alunos e descendentes (Basílio de Cesarea, 2011). Era necessário, portanto, segundo suas palavras, que os pais, os professores e os responsáveis escolhessem: deveriam empregar a educação liberal, caracterizada na história da educação grega pela liberdade de escolhas e responsabilidades individuais próprias a um cidadão, o que, com efeito, resultaria em uma vida de prazeres acompanhada da extinção da alma após a morte; ou empregar a educação dos padres da Igreja, pensando na eternidade da alma no paraíso, a um ser fiel e temente a Deus.

Como resultado da implementação dessa doutrina, todo o repertório mitológico da escola helênica foi adaptado ou substituído por nomes de personagens bíblicos e histórias santas. As obras de filósofos gregos foram cristianizadas de maneira que partes de seus raciocínios pudessem ser citadas sempre com um fundo de exaltação da alma em contraposição aos desejos ardentes do corpo. Pitágoras e Platão, por exemplo, são dois dos pensadores mais citados na obra de São Basílio de Cesareia graças à transcendência presente em suas filosofias. Basílio de Cesarea (2011), aliás, ainda na obra sobre como tirar proveito da literatura grega, ao condenar o estilo de vida hedonista heleno, usa Platão como referência de desprendimento da matéria, chegando a compará-lo com o apóstolo Paulo.

Em uma palavra, se não estiver disposto a mergulhar na lama [prazeres], deve desprezar totalmente o corpo, como afirma Platão. [...] “por prestar um serviço a filosofia”, dizendo algo semelhante, Paulo nos adverte que não devemos nos preocupar com o corpo que dá impulso aos desejos (Basílio de Cesarea (2011, p. 42, tradução nossa).

As releituras enviesadas das histórias e filosofias produzidas antes de Cristo colocaram a serviço da Igreja diferentes alegorias que, a partir de então, envolviam anjos e santos em substituição aos heróis da antiguidade pagã (Le Goff, 2011). As homilias ganharam grande importância na educação da maior parte da população, principalmente entre os grupos mais empobrecidos, para quem a preleção dos padres era considerada suficiente. Embora não seja possível afirmar uma relação de causa e efeito, de fato, enquanto as escolas públicas se extinguíam no processo de esvaziamento das cidades romanas, crescia o entendimento de que a melhor formação daquele que iria preparar os jovens para que as suas existências alcançassem a Deus acontecia dentro dos mosteiros, das abadias ou da casa dos bispos católicos. Por outro lado — agora sim como efeito — podemos ressaltar uma crescente analfabetização, acompanhada de um aumento progressivo na importância da memorização, resultando em um ensino que se tornou predominantemente oral. Decorre dessa mudança o formato pedagógico de estímulo ao exercício do canto em corais desde muito cedo na vida cristã, iniciando aos seis ou sete anos e seguindo até aos 15 anos de idade (Marrou, 1971).

A prática da leitura havia ficado quase restrita à aristocracia e aos grupos que decidiam pela educação religiosa submetida às normas típicas da vida ascética em mosteiros. Como veremos um pouco mais à frente, embora seja considerada de Santo Agostinho a formulação das primeiras regras da vida ascética, São Basílio também estabeleceu um conjunto de orientações espirituais da vida nos mosteiros, bem como as orientações pedagógicas para o ensino de meninos e meninas que ficaram conhecidas como Grande *Asketikon* (55 Regras Extensas) e Pequeno *Asketikon* (313

Regras Breves). Posicionando-se como um tutor para os jovens estudantes, Basílio orienta para a distribuição de prêmios como reconhecimento pelo esforço do educando e aponta para um caminho que conduz à virtude, tal como a *Aretê* grega (Basílio Magno, 1983; Cambi, 1999).

Contemporâneo de São Basílio Magno no século IV, João Crisóstomo, Arcebispo de Constantinopla, igualmente considerado um dos Pais da Igreja, posicionou-se ainda mais firmemente contra o *modus vivendi* helênico. Se para Basílio de Cesarea (2011) as obras e a forma de vida dos greco-romanos poderiam conduzir para distrações, Chrysostom (1978) afirmou peremptoriamente que o teatro, os jogos e filosofia oriundos dos helenos conduziam o homem para uma glória inútil em meio a uma moral que em nada estimula o crescimento da alma.

No caso dos romanos, ao qual também se referiu Chrysostom (1978), o código moral e de conduta residia em uma tradição oriunda dos antepassados, conhecida como *mos maiorum* (Cardoso, 1985). Por meio de exemplos exercitados em celebrações de vitórias, cerimônias públicas de funerais, além dos teatros que retratavam a vida de heróis, os romanos eram estimulados a alcançar três pilares da sua cultura cidadã: a busca pelo amor das multidões, a identificação com um homem de confiança e o festejo pelas honrarias cívicas conquistadas.

Para São Crisóstomo, esses eram todos valores identificados com a vida citadina e com o cotidiano mundano que havia sido assimilado pelos romanos da cultura grega. Ao afirmar que os valores morais dessa cultura nada mais eram do que a (van)glória que atacava a Igreja como uma fera, o religioso decidiu se contrapor diretamente à aristocracia romana que, ainda com acesso à educação liberal, mantinha um estilo de vida tradicional. Em suas homilias, Crisóstomo identificou essa elite como principal responsável pela disseminação da vaidade de uma glória inútil ao crescimento da alma. Não por acaso, graças à potência da oratória de Crisóstomo, o Boca de Ouro, os grupos sociais mais pobres foram conquistados e incitados às rebeliões contra os ricos. Em síntese, para o arcebispo de Constantinopla, a educação liberal, a vida e os saberes avaliados como pertencentes ao passado pagão eram como um espírito maligno com um rosto atraente (Chrysostom, 1978).

Com isso, o pensamento de Crisóstomo começou a expor sua proposta de construção por meio da formação educacional de uma nova juventude afastada dos malefícios do que seria a devassidão do hedonismo helênico. Em sua pregação, o arcebispo elaborou questionamentos retóricos para os pais acerca da educação destinada aos próprios filhos. Nessa obra de formação moral e pedagógica, ele orienta aos pais que meninos devem se manter distantes de espetáculos teatrais, cantigas dissolutas e voluptuosas, precavendo a alma diante dos fascínios que tais experiências poderiam causar. Em *Da vanglória e da educação dos filhos*, de Crisóstomo, traduzido direto do grego por Simone Guffanti (2021), não foi deixado espaço para outras escolhas, posto que os infortúnios causados pela exposição aos valores pré-cristãos em vida poderiam condenar a alma para toda a eternidade após a morte.

O que será das crianças que são privadas de um mestre, desde a primeira idade? Se, de facto, alguns homens, criados desde o ventre de sua mãe, e educados até à velhice, ainda não vivem de forma correta, que coisas terríveis não farão aquelas crianças que estão acostumadas, desde o começo de suas vidas, a palavras vãs? Hoje em dia, coloca-se o maior dos esforços em educar os filhos nas artes, nas letras e na eloquência; pelo exercitar da alma, porém, já ninguém tem qualquer estima (Guffanti, 2021, p. 73).⁸

O arcebispo ainda apelava nas homilias para que, quando necessárias, fossem realizadas ações educacionais corretivas baseadas em ameaças. Tais ameaças, porém, não deveriam se tornar

8 “Όταν τοίνυν έκ πρώτης ήλικίας διδασκάλων άπορήσωσιν οι παῖδες, τί έσονται; Εί γάρ έκ κοιτίας τρεφόμενοι τινες και έως γήρας παιδεύόμενοι ούπω κατορθοῦσιν, οι έκ προοιμιών της ζωής αύτών τούτοις συνεθιζόμενοι τοῖς άκούσμασιν τί ούκ άν έργάσωνται δεινόν; Νύν δέ όπως μέν τέχναις και γράμματα και λόγους τούς αύτών παῖδας παιδεύσειεν, άπασαν έκαστος ποιείται σπουδήν, όπως δέ την ψυχήν άσκηθείη, τούτου ούκέτι ούδεις λόγον έχει τινά.”

realidades nas agressões físicas, posto que o jovem poderia aprender a não se importar mais com as violências sofridas. A educação dos filhos, portanto, deveria cuidar de controlar as paixões, posto que, somente dessa maneira, os jovens poderiam alcançar o corpo santo e, com isso, o reino dos céus (Campenhausen, 2007; Nunes, 2018a). Por esse motivo, os pais tinham obrigação de afastar de suas crianças a luxúria, a vaidade e o orgulho, educando-as, desde os mais tenros anos, na disciplina do céu.

Que não se habitue a receber continuamente pancadas, para que não seja assim educado: se for educado continuamente com esta disciplina, aprenderá a desprezá-la; uma vez que aprendeu a desprezá-la, tudo está arruinado. Mas que tema sempre as pancadas, sem as receber; que se agite o chicote sem o deixar cair (Guffanti, 2021, p. 81).⁹

A ocidente, outros padres seguiram o caminho de afastamento da cultura helênica. Um dos mais célebres exemplos disso foi Eusébio Sofrônio, reconhecido como São Jerônimo de Estridão (347–420 d.C.). Embora Jerônimo não esteja entre os Pais da Igreja que decidimos estudar aqui, vale a pena citá-lo por dois motivos. Em primeiro lugar, ele foi responsável pela tradução da Bíblia, concluída em 404 e que ficou conhecida como a Vulgata. Para Jacques Le Goff (2011), Jerônimo viveu como eremita em um momento de intersecção cultural entre o Oriente e Ocidente. Sua obra pode não se revelar como fundadora do pensamento europeu, mas o fato de ele ter realizado essas importantes traduções para o latim o coloca na posição de um dos pais fundadores da mentalidade cristã medieval. Em segundo lugar, como veremos nos próximos parágrafos, porque São Jerônimo nos ajuda a realizar um elo de ligação necessário com o bispo de Hipona, Santo Agostinho.

A obra de Jerônimo, assim como a de Crisóstomo, apontava para a responsabilidade dos pais em cuidar da educação dos filhos. Notadamente, Jerônimo atribuiu especial atenção à responsabilidade das mães ao aconselhar algumas viúvas da aristocracia romana para a educação e transmissão dos valores morais aos seus filhos por meio do exemplo (Cambi, 1999; Lauand, 2013; Nunes, 2018a). Com isso, a castidade, o recato e o zelo com a família, todas estas formas a serem seguidas em uma educação pela imitação, formulam um novo modelo de mãe cristã. Na Epístola 107, parágrafo 9, dedicada à viúva Leta, Jerônimo (1995, p. 208, tradução nossa) aconselha sobre a educação da filha Paula:

Assegure-se de que ela estude alguma passagem das Escrituras todos os dias. Aprenda o ritmo dos versos gregos. E aprenda latim imediatamente depois, pois se não modelar sua macia boca desde o princípio, a língua se vicia de um sotaque exótico e a língua pátria é manchada de vícios estrangeiros. Que ela encontre em você a mestra, e que te admire na sua infância. Que ela não veja em você e no pai atitudes que a levem a pecar, quando vos imitar. Recorde de seus parentes virgens, e que melhor a possa educar pelo exemplo, do que pelo uso da palavra.

A força do exemplo de retidão moral dos pais citados por Jerônimo como mestres ausentes de vícios é a chave para o entendimento da sua proposta de educação para os jovens. O prestígio e as ideias de Jerônimo impressionaram aquele que seria o nome mais conhecido da Patrística, Santo Agostinho (354–430 d.C.). Cerca de 23 anos mais novo, Aurélio Agostinho percebeu naquele renomado intelectual, a quem a Igreja havia confiado a tradução da Bíblia para o latim, a possibilidade de aproximação, debate em alto nível e destaque dentro da religião. Sem aceitar assumir uma posição de aluno de Jerônimo, Agostinho se colocou em uma situação de igual nos debates acerca dos assuntos da alma e da salvação em uma série de correspondências intercaladas entre 394 e 419

9 “Πληγὰς δὲ μὴ συνεχῶς, μηδὲ ἐθίξης αὐτὸν οὕτω παιδεύεσθαι· ἂν γὰρ μάθῃ παιδεύεσθαι συνεχῶς, καὶ καταφρονεῖν μαθήσεται· μαθὼν δὲ καταφρονεῖν τὰ πάντα ἀνέτρεπεν. Ἀλλὰ φοβείσθω μὲν ἀεὶ πληγὰς, μὴ λαμβανέτω πρὸς· καὶ ἐπισειέσθω μὲν τὸ σκῆτος, μὴ καταφερέσθω πρὸς.”

d.C. A relação entre esses dois pensadores da Igreja Primitiva ajudou a embasar a elevação rápida de Agostinho dentro da Igreja (Guarnieri, 2016).

ÚNICO MESTRE E A ILUMINAÇÃO DIVINA

O grande peso da língua e do pensamento grego na trajetória de Agostinho é narrado por ele mesmo em diferentes obras, como *Confissões* (2000). Educado na infância em uma escola liberal, após sua conversão aos 33 anos, iniciou o processo de observação da influência que a cultura pagã exercia sobre a sua vida, aos moldes do que Basílio e Crisóstomo haviam proposto anteriormente. “*Nam in illis iam quid me foedius fuit, ubi etiam talibus displicebam fallendo innumerabilibus mendaciis et paedagogum et magistros et parentes amore ludendi, studio spectandi nugatoria et imitandi ludicra inquietudine?*” (Sant’Agostinho, 2010b)¹⁰. Dessa forma, o teatro, os jogos, os deuses e a mitologia, pequenos roubos, traquinagens e violências, bem como o processo de aprendizagem da língua e da escrita grega passaram a ser identificados com sua vida pretérita de iniquidades da juventude.

É verdade que nas escolas de gramática há cortinas pendentes das portas, mas servem mais de cobertura aos erros do que de honra aos seus segredos. Não gritem contra mim estes mestres — que eu já não os temo — enquanto Vos patenteio, meu Deus, todos os desejos da minha alma, e enquanto descanso na repreensão dos meus perversos caminhos para amar a retidão dos vossos! (Agostinho, 2000, p. 52).

A análise proferida por Agostinho (2000) nos excertos acima, presentes em *Confissões*, contudo, está ainda banhada por uma semiótica pagã, o maniqueísmo. Antes da conversão ao cristianismo e como professor de retórica, Agostinho se aproximou dos Maniqueus, uma seita que pregava que só existem dois princípios: o bem e o mal. A simplicidade de raciocínio dicotômico dessa doutrina ajudou o religioso a organizar a sua filosofia. Mesmo depois de convertido, o Bispo de Hipona trouxe aspectos do maniqueísmo para dentro da Igreja, ajudando a construir o que seria mais tarde a mentalidade cristã medieval (Le Goff, 2018). Com isso, Santo Agostinho (2006) assegurou para a sociedade europeia em formação uma identidade para o mal e uma identidade para o bem, um espaço controlado para a cultura grega e um mundo para o novo ser social cristão, que, diante de si, poderia ocupar a torpe Cidade dos Homens ou usufruir do brilho da Cidade de Deus.

Na obra *Civitas Dei* (Cidade de Deus), Agostinho (2006) esclarece que o corpo é ocupado por Deus, sendo, portanto, a verdadeira cidade onde deveriam ser erguidos os valores morais do cristão. Enquanto Basílio e Crisóstomo identificavam a incorruptibilidade do corpo como recompensa a ser alcançada no paraíso, Agostinho apontava para a possibilidade de construir a Cidade de Deus dentro do próprio corpo, ainda em vida. Os preceitos de uma existência terrena consoante com a moralidade cristã se tornaram ainda mais prementes, considerando as ameaças das culturas pagãs. Tal qual a metáfora de que a construção de uma cidade é mais fácil em um terreno em que nada antes foi construído, Agostinho entendeu que a educação dos jovens era uma preocupação urgente da fé cristã.

Com base nessa ideia, é possível entender a adaptação da Paideia helênica à moralidade da sua religião, em outras palavras, *grosso modo*, a uma Paideia Cristã. Segundo Werner Jaeger (2013), a Paideia é uma expressão de difícil definição, sendo seu conceito abrangente e resistente a se deixar encerrar numa concepção abstrata. O autor também afirma que essa ideia não pode ser contemplada com os olhos do homem moderno, sendo necessário pensar os gregos em seus próprios conceitos. Por outro lado, Henri-Irénée Marrou (1971), em uma tentativa de aproximação com esse conceito,

10 “Que coisa houve mais corrupta aos vossos olhos do que eu? Até desagradava a esses homens, ao enganar com inumeráveis mentiras o pedagogo, mestres e pais, por amor do jogo, gosto de espetáculos frívolos e ardor inquieto de os imitar!” (Agostinho, 2000, p. 59).

afirmou que a palavra “cultura”, como a utilizamos em nossa época, apresenta o melhor formato para uma tentativa de definição de Paideia. Acerca do entendimento que temos de “cultura”, Jaeger (2013) chega a afirmar que ela apenas começa com os gregos. De toda forma, tanto na Paideia helênica quanto na Paideia Cristã, é preciso destacar o domínio das dimensões formativas do homem nos seguintes termos: “A natureza do Homem, na sua dupla estrutura corpórea e espiritual, cria condições especiais para a manutenção e transmissão da sua forma particular e exige organizações físicas e espirituais, ao conjunto das quais damos o nome de educação” (Jaeger, 2013, p. 1).

Autores como Jaeger (1991; 2013), Cambi (1999) e Nunes (2018a) escrevem sobre um afastamento da moralidade da vida na cidade, característica de uma construção histórica realizada por séculos de influência grega. Essa cidade metafórica, no interior dos homens e, ao mesmo tempo real, no cotidiano da vida comum¹¹, repleta dos valores considerados ímpios transmitidos pela escola liberal, deveria ser abandonada em prol de uma nova realização: a construção da Cidade de Deus, realizada na mentalidade humana, com efeitos no ser, estar e pensar dentro deste mundo.

A própria ideia de que Deus também estava presente e atuante neste mundo se aproximava da filosofia de Platão, reconstituída e adaptada a partir do século II como neoplatonismo¹². Ao contrário da ideia de um Deus transcendente, existente apenas no imaterial do pós-vida, o pensamento platônico adotado por Agostinho e outros neoplatônicos apontava para a possibilidade de um Deus imanente, isto é, presente na vida terrena e atuante no cotidiano humano.

Influenciado por essas correntes de pensamento, isto é, com o bem e o mal representados no embate da cultura cristã perante a grega, e ainda, adaptando a filosofia de Platão à sua própria obra, o Bispo de Hipona, ambicioso no âmbito da estrutura de uma religião que ainda estava historicamente definindo suas bases, escreveu, entre outros trabalhos, o *De Magistro*. Escrito ao modelo de um diálogo platônico com o seu filho já falecido Adeodato (aos 16 anos de idade), Agostinho (2015) expõe na obra uma versão de si como pai e educador, além de formulador da doutrina cristã.

Nesse contexto, Agostinho desenvolve a *Doutrina da Iluminação Divina*, em que o homem receberia apenas de Deus, por meio da iluminação, o conhecimento das coisas eternas. O conhecimento ou a verdade, por assim dizer, não viria do exterior, mas sim do interior, onde Deus já habitaria. Como é possível inferir, a Teoria da Iluminação Divina de Agostinho é semelhante à teoria da *reminiscência* de Platão (2001), em que o homem nasce com saberes já impressos em sua alma, sendo possível, por meio de estímulos, alcançar o conhecimento sobre as coisas. Agostinho, no entanto, assim como no formato da escrita da obra, vai atribuir todo conhecimento memorado a Deus, chamando-o de “Mestre Interior” e afastando qualquer possibilidade de esse conhecimento partir de um professor humano.

- 11 A interpretação do Bispo de Hipona de que o corpo é o verdadeiro lócus de construção da Cidade de Deus também tem relações com as experiências de invasão dos povos bárbaros ao território romano, especialmente a cidade de Roma. Em 410, os Vândalos liderados por Alarico saquearam Roma impiedosamente, conforme vemos relatado no “*De excidio urbis Romae sermo*” (Sermão sobre a devastação de Roma. Agostinho. Trad. de Lauand, 2013). Da forma com a qual são reveladas no texto as perdas materiais e de vidas, entende-se que condenação e a ira divina se abateram sobre Roma, pois nela não haveria quantidade de pessoas justas o suficiente. Agostinho, no entanto, ao fazer referência à passagem do livro Gênesis da *Bíblia* (Gn. 18,24), quando Abraão teria perguntado a Deus se Ele pouparia a cidade se encontrasse uma quantidade de homens justos o suficiente, demonstra que a cidade não foi destruída, como Sodoma. Assim, por meio de um jogo de ideias, Agostinho afirma que Deus os estava pondo à prova, assim como fez com outro personagem bíblico: Jó. Este, santificado, é usado no sermão como exemplo de retidão moral, dignificado pelo sofrimento de ter perdido a família, as riquezas e tudo o mais identificado com a materialidade do mundo dos homens, mas, ainda assim, tendo permanecido fiel a Deus. Com isso, percebemos também que o raciocínio de Agostinho considera ao menos dois mundos distintos; uma divisão que revela outra influência, o neoplatonismo.
- 12 Ao proporcionar a adaptação da filosofia de Platão ao nascente cristianismo no século II, Numênio de Apameia dedicou-se ao estudo de hebraico e grego. Segundo escreve Ruy Nunes (2018a), Numênio, no exercício de aproximação do pensamento helênico à fé cristã, chegou a descrever Platão como um Moisés que falava grego. Quando Agostinho iniciou seus estudos, essa forma de interpretação do pensamento helênico estava bastante difundida entre os padres da Igreja, tornando-se dominante entre os séculos IV e V. A escolha realizada pelos padres por esse pensamento, entre as diversas filosofias gregas, deu-se de maneira relativamente natural, posta a característica do Deus como partícipe da existência humana.

Os homens se equivocam ao chamarem mestres a aqueles que não o são, geralmente porque nenhum intervalo se interpõe entre o tempo da locução e do conhecimento; tais discípulos se autoensinam de seu interior e, após a menção daquele que fala, julgam tê-lo do exterior aprendido. Mas, a toda utilidade das palavras, que consideramos parca não ser, oportunamente buscaremos, se Deus permitir. Porquanto, recomendo não atribuas maior importância que a justa, e em tal não apenas se creia, mas se comece também a compreender o quão de verdade descreve, posto esteja escrito que não chamemos a mais ninguém de Mestre na terra, porque o único encontra-se nos céus (Agostinho, 2015, p. 141-142).

Mas como essa iluminação seria possível? Em última instância, ela se daria sempre por uma ação unilateral de Deus, sendo, portanto, determinado pelo Divino quem teria acesso aos conhecimentos sobre as coisas verdadeiras. Esse processo se realizaria no uso adequado de um instrumento colocado no homem pelo próprio Deus, o intelecto humano, que poderia ser acionado por meio da rememoração (recordação/ *anamnesis*). Assim sendo, se todo conhecimento é advindo da rememoração, entendemos que os saberes já estariam no homem, tais como o Deus onisciente e onipresente também estaria. Caberia ao padre/professor apenas a função de dispor/advertir/admoestar o aluno por meio de palavras e sinais para que Deus efetivamente o iluminasse.

É interessante perceber que, nessa perspectiva, o professor também seria guiado pelo Divino (Único Mestre), sendo ele apenas mais um instrumento da ação de Deus sobre o aluno. Agostinho (2015, 14, p. 140) ainda advertiu sobre os professores que pensam que transmitem algum conhecimento e os pais que acreditam nisso, quando falou sobre a escolha do tipo de estudo a ser oferecido aos jovens: “*Nam quis tam stulte curiosus est, qui filium suum mittat in scholam, ut, quid magister cogitet, discat?*” (Agostinho, 2015, 14, p. 140)¹³.

Os pais ou o próprio jovem educando, apesar de dependente da iluminação divina no âmbito do seu próprio ser, no limite do seu livre arbítrio,¹⁴ poderia escolher viver na *Civitas Dei* (Cidade de Deus) ou na *Civitas Terrena* (Cidade dos Ímpios) (Agostinho, 2006). Segue, portanto, no tocante ao modelo educacional de Agostinho, uma escolha semelhante ao que havia proposto São Basílio: salvar a alma ou condená-la por meio de uma educação pagã. Os pais, no ato de decisão acerca dessa educação, tinham diante de si as seguintes condições objetivas: aceitar ou não a argumentação construída pelos Pais da Igreja; discernir entre professores leigos/pagãos ou um padre; e considerar estar imersos em um contexto histórico de hegemonia da fé católica que ainda perduraria por séculos na Europa.

Diante dessas circunstâncias, a tal escolha educacional dos pais nem sequer parece realmente uma decisão a ser tomada. Afinal, consoante com a personagem Adeodato, no livro *De Magistro* (Agostinho, 2015), só seria realmente possível aprender Daquela que o habitaria internamente.

A mim, alertado por tuas palavras, aprendi que estas não servem a não ser para advertir o homem a aprender e, que a palavra refletida no pensamento do outro que fala seria de pouquíssimo conhecimento; só sou instruído por Aquele que me habita internamente, e que muito me favorecendo já me adverte; o qual ardentemente estimo e de quem quero aproveitar para aprender (Agostinho, 2015, p. 143-144).

13 “Na verdade, quem diligente insensato seria, a ponto de enviar seu filho à escola para que aprenda o que pensa o professor?” (tradução nossa). É preciso considerar que, para a palavra “*stulte*”, também cabem traduções como “estúpido”, “estupidamente” ou “tolo”, “tolamente”.

14 Agostinho apresenta três diferentes ideias de livre arbítrio em sua obra, seguindo três momentos de sua vida. Na primeira fase, descrita nos dois primeiros livros de *Sobre o Livre Arbítrio*, o homem teria liberdade total de escolha sobre os seus caminhos na vida terrena, sendo conduzido ou não a vida eterna por efeito de tais escolhas. Em um segundo momento, descrito no terceiro livro da mesma obra, aponta para a perda desse livre arbítrio pleno desde os erros cometidos por Adão no paraíso. Desde então, o homem deveria “querer”, demonstrando, por meio de suas escolhas, o caminho que levaria à graça divina. No terceiro momento, nos anos finais da sua vida, ao relacionar o livre arbítrio a sua teoria da predestinação, Agostinho retira completamente qualquer chance de, por si só, o homem ascender a Deus (Costa, 2018).

É ainda importante sublinhar que as censuras realizadas por Agostinho aos saberes greco-romanos, além de convencionadas pela proposta de criação de uma nova mentalidade, tinham uma barreira inicial e intransponível: a necessidade de estudar o idioma grego para a leitura do Novo Testamento em seu texto original. Em *A Doutrina Cristã* (Agostinho, 2002), o Bispo de Hipona chega a indicar o aprendizado daquelas letras para a conveniência dos estudos bíblicos, porém, com os devidos cuidados com instituições supérfluas, luxuriosas e que possam ter em vista qualquer “comércio com demônios”.¹⁵ Justificou o santo afirmando que o empreendimento era necessário para as disputas contra os cétricos, para a conversão dos pagãos, para a educação dos jovens e para a formação de suas mentalidades. Afinal, ao citar o poeta, político e pensador romano Cícero, Agostinho afirma que o orador tinha três grandes objetivos nesse processo de formação de um novo ser social:

Disse certo orador — e disse a verdade — que é preciso falar “de maneira a instruir, a agradar e a convencer”. Depois, acrescentou: Instruir é uma necessidade; agradar, um prazer; convencer, uma vitória”.

O primeiro objetivo, isto é, a necessidade de instruir relaciona-se com as ideias a serem expostas; os dois outros, deleitar e convencer, com a maneira como as expomos. Em consequência, ao visar à instrução, o orador, enquanto não for compreendido, deve julgar que ainda não disse o que pretendia dizer ao auditório que deseja ver instruído (Agostinho, 2002, p. 233).

Oratória, retórica e eloquência não eram os únicos saberes de origem helênica que eram defendidos por Agostinho. Com os devidos cuidados já citados e sob a orientação de que pertenceria aos cristãos tudo que os pagãos pensaram e escreveram de bom, Agostinho se apropriou e converteu o pensamento de Platão, fazendo uso das artes liberais gregas ensinadas pelos romanos com base no *Trivium* e do *Quadrivium*¹⁶ como currículo escolar (Le Goff, 2011; Nunes, 2018a).

Os que são chamados filósofos, especialmente os platônicos, quando puderam, por vezes, enunciar teses verdadeiras e compatíveis com a nossa fé, é preciso não somente não serem eles temidos nem evitados, mas antes que reivindicemos essas verdades para nosso uso, como alguém que retoma seus bens a possuidores injustos (Sic). [...] Ora, dá-se o mesmo em relação a todas as doutrinas pagãs. Elas possuem, por certo, ficções mentirosas e supersticiosas, pesada carga de trabalhos supérfluos, que cada um de nós, sob a conduta de Cristo, ao deixar a sociedade dos pagãos, deve rejeitar e evitar com horror. Mas eles possuem, igualmente, artes liberais, bastante apropriadas ao uso da verdade e ainda alguns preceitos morais muito úteis. E quanto ao culto do único Deus, encontramos nos pagãos algumas coisas verdadeiras, que são como o ouro e a prata deles. Não foram os pagãos que os fabricaram, mas os extraíram, por assim dizer, de certas minas fornecidas pela Providência divina, as quais se espalham por toda parte e das quais usaram, por vezes, a serviço do demônio (Agostinho, 2002, p. 144-145).

No que diz respeito ao uso da força contra os jovens educandos, diferente de Basílio ou de Crisóstomo, Agostinho relata de maneira amargurada as agressões, as humilhações e as ameaças que sofreu na escola enquanto aprendia grego. Em determinado momento, o Bispo de Hipona compara o conhecimento recebido ao vinho que gera torpeza, apontando seus professores como mestres embriagados que, pela

15 “*Quorum ea quae ad societatem, ut dictum est, daemonum*” (Sant’Agostinho, 2010a).

16 No *Trivium*, eram abordadas retórica, lógica e gramática. No *Quadrivium*, as artes ensinadas eram aritmética, geometria, música e astronomia. O conjunto desses ensinamentos caracterizava as sete artes liberais.

força, o obrigavam também a beber (Agostinho, 2000, p. 56). Por conta disso, em *Confissões* (2000), ele descreve as violências sofridas na infância no processo de aprendizado da língua grega.

Embora criança, mas com ardente fervor, pedia-Vos que na escola não fosse açoitado. Quando me não atendíeis — “o que era para o meu proveito” —, as pessoas mais velhas e até os meus próprios pais, que, afinal, me não desejavam mal, riam-se dos açoites — o meu maior e mais penoso suplício (Agostinho, 9, 2000, p. 47).

“Não conhecia nenhuma palavra daquela língua, e, para me fazerem aprender, ameaçavam-me com terríveis castigos e crueldade” (Agostinho, 14.23, 2000, p. 53).

Agostinho, portanto, despreza o uso da força física para a educação dos jovens, diferente de Crisóstomo. Contudo, assim como Basílio e o Boca de Ouro, o bispo de Hipona se preocupou fortemente com a castidade como ideário na cabeça dos educandos, proibindo-os de cobiçar as mulheres nas ruas (Lyra, 1594). Por fim, mais do que aprender a língua helênica, estudar oratória, retórica e eloquência, verdadeiras instituições do mundo greco-romano, tudo isso se tornou essencial para o processo de aprendizagem. Afinal, como o próprio Agostinho (2002, p. 210) afirmou: “Se é certo que as crianças só se põem a falar escutando as palavras das pessoas que falam, por que alguém se poderia tornar eloquente sem receber noção alguma da arte oratória, contentando-se em ler, em escutar e, à medida do possível, em imitar os bons oradores?”.¹⁷

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Seguindo a intransigente vontade de ruptura com o mundo pagão, como escreveu Marrou (1971), os Pais da Igreja, destacados aqui o bispo de Cesareia, São Basílio Magno, o arcebispo de Constantinopla, São Crisóstomo e o bispo de Hipona, Santo Agostinho, propuseram uma nova mentalidade a partir do crescimento da fé cristã e da conquista da hegemonia religiosa e política no Império Romano. Esse movimento, que constitui o foco de nosso estudo, está entre os séculos IV e V e tem origem no século II d.C., sendo conhecido como Patrística. Segundo apontamos, com base em alguns autores, os fundamentos teológicos e filosóficos alcançaram o auge da sua influência nos séculos seguintes, chamados de Alta Idade Média ou Antiguidade Tardia (Le Goff, 2011). Dessa maneira, compreendemos por meio de nossa investigação que a mudança de mentalidade da Antiguidade para o Medievo teve como um dos principais elementos a formação dos jovens.

Entendendo a importância da formação dos jovens buscamos entender também quem era a figura do professor nesse período. Compreendemos que São Basílio destacou a preocupação em não oferecer a qualquer pessoa o leme do pensamento do jovem educando, enquanto São Crisóstomo apontou diretamente que os espetáculos considerados pagãos, por vezes promovidos pela aristocracia que financia a cultura na sociedade romana, prejudicavam a alma dos jovens. Agostinho, por sua vez, afirmou que o único mestre era Deus, sendo o intelecto humano e também o professor instrumentos para a iluminação divina. Ainda sobre esse objetivo, entendemos que, considerando também o rareamento das escolas públicas e privadas, a figura do responsável por administrar estudos em uma aula tornava-se recorrentemente o padre/ monge.

É importante ressaltar que, a partir da Patrística, toda a formação do homem convergiu para o propósito de um crescimento moral que o levaria a Deus. Isso aconteceu porque, por exemplo, o bispo de Hipona modelou a pedagogia como exercício da fé para a salvação da alma na chegada à Cidade de Deus, conforme lemos em *De Magistro* (Agostinho, 2015), bem como se utilizou de

¹⁷ “Quapropter, cum ex infantibus loquentes non fiant, nisi locutiones discendo loquentium, cur eloquentes fieri non possunt, nulla eloquendi arte tradita, sed elocutiones eloquentium legendo et audiendo et, quantum assequi conceditur, imitando?” (Sant’Agostinho, 2010a).

recursos pagãos que, em sua argumentação, seriam originalmente pertencentes ao Deus/Mestre único. A parte definidora dessa pedagogia foi o estabelecimento de normas para que os fiéis que buscassem a elevação da alma pudessem se encontrar e se ajudar mutuamente em um local apropriado. A pedido de um grupo de religiosos que buscavam também a salvação no âmbito da fé cristã, Agostinho escreveu cartas com as primeiras regras de uma vida monástica, seguindo os mesmos propósitos já destacados, como a leitura, a pobreza, a oração, o jejum, as vestes, as relações com os irmãos, a obediência e a castidade (Nunes, 2018a; 2018b).

Um estudo acerca da formulação das regras monásticas em Agostinho e em outros religiosos como São Bento (480–547 d.C.), no entanto, foge da proposta de reflexão do presente artigo. Dessa forma, considerando os objetivos do estudo alcançados, entendemos que foi possível compreender como a influência religiosa de três dos Pais da Igreja, São Basílio, São Crisóstomo e Santo Agostinho, teve efeito decisivo na formação dos jovens para as gerações seguintes de cristãos.

REFERÊNCIAS

- AGOSTINHO, Santo. **Confissões**. Tradução: J. Oliveira Santos e Ambrósio de Pina. São Paulo: Nova Cultural, 2000. (Coleção dos Pensadores.)
- AGOSTINHO, Santo. **A doutrina cristã**: manual de exegese e formação cristã. São Paulo: Paulus, 2002.
- AGOSTINHO, Santo. **A cidade de Deus**: contra os pagãos. 9. ed. Tradução: Oscar Paes Leme. Bragança Paulista: Editora Universitária São Francisco, 2006.
- AGOSTINHO, Santo. **De Magistro**. Tradução: Antonio A. Minguetti. Porto Alegre: Fi, 2015.
- AGOSTINHO, Santo. **O sermão da montanha e escritos sobre a fé**. São Paulo: Paulus, 2017. (Coleção Patrística.)
- BASÍLIO DE CESAREA. **A los jóvenes**: como sacar provecho de la literatura griega; Carta a um hijo espiritual. Introdução, tradução e notas de Francisco Antonio Garcia Romero. Madri: Ciudad Nueva, 2011.
- BASÍLIO MAGNO. **As regras monásticas**. Tradução: Ir. Hildegardis Pasch e Ir. Helena Nagem Assad. Petrópolis: Vozes, 1983. (Os Padres da Igreja, 4.)
- BAUR, Chrysostom. St. John Chrysostom. *In*: THE CATHOLIC ENCYCLOPEDIA. Nova York: Robert Appleton Company, 1910. v. 8. Disponível em: <http://www.newadvent.org/cathen/08452b.htm>. Acesso em: 25 set. 2023.
- BÍBLIA SAGRADA. 2. ed. Revista e atualizada no Brasil. Tradução: João Ferreira de Almeida. Barueri: Sociedade Bíblica do Brasil, 1993.
- BLOCH, Marc. **A sociedade feudal**. Tradução: Laurent de Saes. São Paulo: Edipro, 2016.
- CAMBI, Franco. **História da pedagogia**. São Paulo: Editora da Unesp, 1999.
- CAMPENHAUSEN, Von Hans. **Os pais da Igreja, a vida e a doutrina dos primeiros teólogos cristãos**. Tradução: Degmar Ribas Júnior. 7. ed. Rio de Janeiro: CPAD, 2007.
- CARDOSO, Ciro Flamarion. **A cidadeEstado antiga**. São Paulo: Ática, 1985.
- CHRYSTOSTOM, John. De innani Gloria: an address on vainglory and the right way for parents to bring up their children. *In*: LAISTNER, Max Ludwig Wolfram (org.). **Christianity and Pagan culture in the later roman empire**. Ítaca: Cornell University Press, 1978. p. 85-122.

COSTA, Marcos Roberto Nunes. Os “Três Agostinhos” do livre arbítrio/liberdade. **Pensando – Revista de Filosofia**, v. 9, n. 17, 2018.

FEBVRE, Lucien. **A Europa**: gênese de uma civilização. Bauru: Edusc, 2004.

GUARINELLO, Norberto Luiz. **História antiga**. São Paulo: Contexto, 2022.

GUARNIERI, Felipe de Medeiros. **A correspondência entre São Jerônimo e Santo Agostinho**: estudo e tradução. Dissertação (Mestrado em Letras Clássicas e Vernáculas) – Univesidade de São Paulo, São Paulo, 2016. Disponível em: https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8143/tde-11032016-151507/publico/2016_FelipeDeMedeirosGuarnieri_VCorr.pdf. Acesso em: 22 nov. 2023.

GUERRAS, Maria Sonsoles. O imperador Teodósio e a cristianização do Império. **Clássica – Revista Brasileira de Estudos Clássicos**, supl. 1, p. 155-160, 1992. <https://doi.org/10.24277/classica.v0i0.826>

GUFFANTI, Simone. **Paideia e formação moral dos jovens no pensamento de São João Crisóstomo**. Dissertação (Mestrado) –Universidade Católica Portuguesa, Lisboa, 2021.

JAEGER, Werner. **Cristianismo primitivo e Paidéia grega**. Tradução: Teresa Loureuri Perez. Lisboa: Edições 70, 1991.

JAEGER, Werner. **Paideia**: a formação do homem grego. São Paulo: Martins Fontes, 2013.

JERÔNIMO, São. **Epistolario**. Tradução: Juan Bautista Valero. Madri: Biblioteca de Autores Cristianos, 1995.

LAUAND, Luiz Jean. **Cultura e educação na Idade Média**. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2013.

LE GOFF, Jacques. **A bolsa e a vida**. São Paulo: Brasiliense, 2004.

LE GOFF, Jacques. **As raízes medievais da Europa**. Tradução: Jaime A Classen. Petrópolis: Vozes, 2011.

LE GOFF, Jacques. **Homens e mulheres da idade média**. São Paulo: Estação Liberdade, 2018.

LYRA, Manoel de. **Livro da Regra de Sancto Agostinho e das constituições perpétuas dos religiosos pobres hermitãos da Serra Dossa**. Da Ordem de S. Paulo Primeiro Hermitão. Ordem de São Paulo Eremita. Lisboa: Iberian Books, 1594. Disponível em: <https://purl.pt/14777>. Acesso em: 29 nov. 2023.

MARROU, Henri-Irénée. **História da educação na Antiguidade**. 2 ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1971.

MCSORLEY, Joseph. St. Basil the Great. In: THE CATHOLIC ENCYCLOPEDIA. Nova York: Robert Appleton Company, 1907. v. 2. Disponível em: <http://www.newadvent.org/cathen/02330b.htm>. Acesso em: 25 set. 2023.

MIGNE, Jacques-Paul (org.). **Cursus Completus Patrologiae Graecae**. Paris: Imprimerie Catholique, 1857. v. 8. (Clemente de Alexandria, PG. 8-9). Disponível em: <https://www.migne.com.br/>. Acesso em: 15 nov. 2023.

NUNES, Rui Afonso da Costa. **História da educação na antiguidade cristã**: O pensamento educacional dos mestres e escritores cristãos no fim do mundo antigo. Campinas: Kírion, 2018a.

NUNES, Rui Afonso da Costa. **História da educação na Idade Média**. Campinas: Kírion, 2018b.

PLATÃO. **Mênon**. Texto estabelecido e anotado por John Brunet. Tradução: Maura Iglésias. Rio de Janeiro: Editora PUC-Rio/Loyola, 2001.

SANT'AGOSTINHO: Agustinus Hipponeis. **De Doctrina Christiana Libri Quatuor**. PL 34. Roma: Città Nuova, 2010a. Disponível em: https://www.augustinus.it/latino/dottrina_cristiana/index2.htm. Acesso em: 8 nov. 2023.

SANT'AGOSTINHO: Agustinus Hipponeis. **Confessionum Libri XIII**. Roma: Città Nuova, 2010b. Disponível em: <https://www.augustinus.it/latino/confessioni/index2.htm>. Acesso em: 6 out. 2023.

SANT'AGOSTINHO: Agustinus Hipponeis. **De Magistro Liber Unus**. Roma: Città Nuova, 2010c. Disponível em: <https://www.augustinus.it/latino/maestro/index.htm>. Acesso em: 6 out. 2023.

VEYNE, P. **Quando o nosso mundo se tornou cristão (312–394)**. Lisboa: Texto & Grafia, 2009.

Como citar este artigo: LIMA, Fábio Souza Correa; ARAÚJO, Cristina da Silva. Educação de jovens na idade média: filosofia patrística e atuação do educador conforme as obras de São Basílio, São Crisóstomo e Santo Agostinho. **Revista Brasileira de Educação**, v. 30, e300121, 2025. <https://doi.org/10.1590/S1413-24782025300121e300121>

Conflitos de interesse: Os autores declaram que não possuem nenhum interesse comercial ou associativo que represente conflito de interesses em relação ao manuscrito.

Financiamento: Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) e Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Amazonas (FAPEAM).

Contribuições dos autores: Conceituação: Lima, F. S. C., Curadoria de Dados: Lima, F. S. C., Análise Formal: Lima, F. S. C., Araújo, C. S., Obtenção de Financiamento: Lima, F. S. C., Investigação: Lima, F. S. C., Araújo, C. S., Metodologia: Lima, F. S. C. Administração do Projeto: Lima, F. S. C., Supervisão: Lima, F. S. C., Validação: Lima, F. S. C., Escrita – Primeira Redação: Lima, F. S. C., Escrita – Revisão e Edição: Lima, F. S. C., Araújo, C. S.

Declaração de disponibilidade de dados: Os dados de pesquisa estão disponíveis no corpo do artigo.

SOBRE OS AUTORES

FÁBIO SOUZA CORREA LIMA é doutor em Educação pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Professor adjunto do Departamento de Teorias e Fundamentos da Educação e docente permanente no Programa de Pós-Graduação em Educação (Linha 1) da Faculdade de Educação da Universidade Federal do Amazonas (UFAM).

CRISTINA DA SILVA ARAÚJO é mestranda em Educação pela Universidade Federal do Amazonas (UFAM).

Recebido em 25 de junho de 2024

Aprovado em 18 de setembro de 2024

Editor/a responsável: Terezinha Oliveira  <https://orcid.org/0000-0001-5349-1059>